

FICÇÃO E TESTEMUNHO: A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA EM LIMA BARRETO

ANA PAULA GIEHL DE OLIVEIRA¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – ana-giehl@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo trata de uma análise primeira da pesquisa em andamento para a dissertação a ser feita pelo programa de pós-graduação em Letras da UFPel, na área de Literatura Comparada. A pesquisa objetiva analisar de que forma é representada a loucura na literatura brasileira. Serão analisados os textos *Cemitérios dos Vivos* e *Diário do Hospício*, de Lima Barreto, escritor e jornalista brasileiro.

Verificar-se-á de que modo é narrada a experiência vivida pelo autor dentro de um hospício, tanto de modo ficcional quanto de testemunho, seguindo as obras supracitadas, respectivamente.

De forma conjunta, serão analisados os modos narrativos utilizados pelo autor, visto que as duas obras que são base dessa pesquisa são resultados de anotações feitas por Lima Barreto dentro da instituição hospitalar, nas duas internações a que foi sujeito. Nesses manuscritos, são questionadas as iniciativas científicas e a intervenção da polícia na internação dos alienados ou doentes colocados à própria sorte.

2. METODOLOGIA

A metodologia que foi empregada na presente pesquisa é a análise comparada dos dois textos escritos por Lima Barreto, um ficcional – *Cemitério dos vivos* -, e outro de testemunho – *Diário de um Hospício*. E a partir de tais leituras, se observará o posicionamento do autor sobre a loucura e o tratamento social e científico que se atribui a ela. Por ter tido a internação em um hospício como experiência e manter a consciência de sua estabilidade mental, Lima Barreto questiona com propriedade a postura da medicina com os doentes e os diferentes modos como a loucura se manifesta. Esta análise, portanto, será o objeto da presente pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Lima Barreto, após ser internado no hospício pela segunda vez devido a um problema com alcoolismo, passa a relatar seu cotidiano e analisar as formas como ele e seus colegas de internação eram tratados. Além disso, questiona constantemente a forma como os médicos intervinham no tratamento de cada um. O autor considerava a existência de vários tipos de loucura e o despreparo dos alienistas para dar aos pacientes o diagnóstico apropriado. “É um engano; há muitas formas de loucura e algumas permitem aos doentes momentos de verdadeira e completa lucidez” (BARRETO, 2010, p. 73).

As anotações feitas para o *Diário do Hospício* datam quinze dias depois da internação de Lima Barreto no manicômio, que aconteceu em dezembro de 1919. Em *O Cemitério dos Vivos*, uma união dos manuscritos de Lima Barreto travestido como personagem, o leitor pode observar a mesma linha crítica sobre a medicina, a internação e a amplitude de conceitos e formas de loucura. “Há os que deliram; há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso” (BARRETO, 2010, p. 67). E nessa organização textual de ficção e testemunho, o autor entrega sua vivência no hospício na mão do leitor e este, portanto, fica com a responsabilidade de desatar esse nó existencial tão latente em ambas as obras.

Depois do aparecimento do primeiro hospício no Brasil, o Pedro II, tendo sua inauguração em 1852 no Rio de Janeiro, a ciência passou a ter mais atenção sobre o que viria a ser, de fato, a loucura, e quais os métodos que poderiam vir a saná-la ou, em estado primordial, a percepção dos melhores caminhos para estuda-la. A construção de tal hospício foi feita com bases europeias tanto na sua arquitetura quanto em suas crenças e motivações. Travou-se um embate entre a política e a ciência tendo em vista a posse e os méritos pelo funcionamento do hospício em questão.

O Brasil, portanto, claramente inspirava-se em comportamentos europeus do século XIX em relação aos internamentos e julgamentos de quem era ou não alienado. A ciência se comprometia diretamente com a análise do quadro clínico de cada paciente e os representantes políticos se ocupavam com a disposição de dinheiro e estrutura. Porém, em nenhum dos dois lados se percebia o interesse real em diagnosticar o problema dos néscios com o fim de realmente coloca-los novamente no convívio social. Os cientistas e estudantes psiquiátricos ocupavam-se em receber os louros pela melhor ideia de cura, pelos testes feitos nos doentes e então, uma suposta vitória nos interesses notados com o embate travado com a política da época. BARRETO (2010) mencionou, inclusive, que o método de internação dos alienistas configura-se com bases na Idade Média, respeitando uma ordem de reclusão e sequestro. É temeroso, por parte da medicina, largar de imediato os doentes na rua, pois quanto maior o tempo de internação, maior a análise e as aplicações experimentais a que se dedicavam.

Diversas vezes Lima Barreto preocupa-se em salientar que cada seção do Hospício em que foi internado recebia diferentes tipos de doentes, com suas variadas formas de alienação. E questiona constantemente a real preocupação dos médicos, burlando qualquer relação com o lado humano de cada paciente e as reais razões que os levaram até ali. O cenário, bem como narra o autor recebe requintes de crueldade, e os alienados são postos ao trabalho e tratados como verdadeiros animais: “O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par” (BARRETO, 2010, p. 48). Apenas aqueles que vêm de família da classe alta tinham um tratamento diferenciado por parte da polícia e dos médicos responsáveis pela seção a que foram levados.

A polícia, inclusive, era a responsável por manter a ordem social: separava os doentes mentais dos criminosos, não excluindo a possibilidade de misturá-los, visto que, em sua visão, um doente perturbado por suas manias ou melancolias poderia facilmente cometer alguma atrocidade. E este tratamento abusivo é outro ponto citado e discutido por Lima Barreto: “Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida” (BARRETO, 2010, p.44). O que se nota nas linhas do autor, tanto no texto intencionalmente ficcional quanto nas suas linhas de caráter testemunhal, é essa busca um tanto quanto equivocada de separar do convívio social aqueles que, por algum percalço ofertado pela vida, acabara sofrendo de perturbações mentais.

Mas se essa reclusão ou sequestro, como Lima Barreto menciona em sua análise assemelhando aos métodos da Idade Média, não respeita critérios e acaba por misturar os doentes, dedicando a eles tratamentos praticamente iguais e confundindo-os como indignos da atenção ou olhares preocupados da sociedade.

Lima Barreto, que foi internado por embriaguez, reconhece sua sanidade e, através dela, analisa a alienação de seus colegas de internação. Busca traçar uma motivação para a sua e loucura e a dos outros, seus reais conceitos e possíveis formas de tratamento e recuperação da razão ou sanidade, reconhecendo que nem o próprio grupo de médicos é totalmente sãos.

A presente análise, que se encontra em passos iniciais ao que se refere à obra de Lima Barreto, coleta como primordiais resultados esses apontamentos do autor quanto ao quadro social da época e a forma como a loucura era encarada como um problema de estrutura e ordem social, recebendo um tratamento até então igualitário, pois ainda não havia se estruturado um plano amplo de tratamento aos alienados e suas respectivas bases maníacas e melancólicas que deveriam, em primeiro lugar, serem levadas em conta pelos alienistas e médicos dos hospícios construídos no país.

4. CONCLUSÕES

Lima Barreto, tanto de forma ficcional quanto em seus manuscritos de testemunho, apresenta um panorama da internação e tratamento para com os alienados no hospício em que foi internado duas vezes por ter vícios ligados ao álcool. Passando maior parte do tempo consciente de sua sanidade mental, o autor analisa friamente a sua internação, os motivos que a provocaram e o quadro clínico de cada um dos doentes internados com ele. Nessa apresentação das seções do Hospício, é possível perceber que o quadro clínico de cada paciente era o que, de fato, menos era considerado pelos alienistas responsáveis. A crítica recai, portanto, sobre o plantel médico que ficava preso aos livros básicos de medicina e não ultrapassava tais páginas com o fim de recuperar a sanidade dos internos ou, pelo menos, o que restava dela. O louco, o néscio, ou alienado era considerado como indivíduo perigoso e não apto a conviver em sociedade, devido ao nível de periculosidade ao qual sua mania ou melancolia pode lhe levar. Este impasse entre as formas realmente plausíveis de tratamento e internação dos indivíduos considerados alienados é o primeiro elemento percebido e que será base de investigação na presente pesquisa que ambiciona analisar a representação da loucura nos textos literários brasileiros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo, Perspectiva, 1997.

HORROCKS, Chris. **Entendendo Foucault**. São Paulo: LeYa, 2013.

MARIA, Luzia de. **Sortilégios do avesso:** razão e loucura na literatura brasileira. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PESSOTTI, Isaias. **A loucura e as épocas.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

TEIXEIRA, M.O.L.; RAMOS, F.A.DE C. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 364-381, jun.2012.